

DESTAQUE



Museu do Índio divulga cultura Guarani para fora das aldeias

página 2



Mbyá (RJ)



ARTIGO



Maino'í rapé O caminho da sabedoria

página 4



EDITORIAL



Chegamos ao final do primeiro semestre com significativo avanço nos projetos previstos para 2009, dentre eles destacamos o lançamento, no Ministério da Justiça, do Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas Brasileiras em parceria com a Fundação Banco do Brasil e a Unesco.

Mais detalhes na coluna Informes.

No segundo semestre, os índios Guarani tomam conta do Museu do Índio.

Na matéria "Caminhos na Terra", você pode saber tudo sobre as atividades dedicadas ao grupo Mbyá, que vive ao longo da costa Atlântica no Estado do Rio de Janeiro. A idéia é divulgar a cultura Guarani para fora da aldeia. Tudo isto e muito mais você vai conferir nesta edição. Até a próxima. E boa leitura.

Assessoria de Comunicação Social

MUSEU A VIVO

Ano 21 | Nº 33 | Abril de 2009 a Agosto de 2009

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça

Tarso Genro

Presidente da FUNAI

Márcio Augusto Freitas de Meira

Diretor do Museu do Índio

José Carlos Levinho

Assessoria de Comunicação Social

Redação / Revisão

Cristina de Jesus Botelho Brandão

(Reg. Prof. RJ 15633 JP)

Rosângela de Oliveira Abrahão

(Reg. Prof. RJ 16125 JP)

Marta Gontijo

Renata Cristina Vieira da Silva

Fotos: **Renata Cristina Vieira da Silva**

Marcio Ferreira (fotos na aldeia)

Isaac Amorim

Editoração: **MURO Produções Gráficas**

5 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo
CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ
Telefones (21) 3214-8705 | 3214-8702
comunicacao@museudoindio.gov.br
www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



DESTAQUE



Caminhos na Terra: os movimentos dos Guarani do Rio de Janeiro

Museu do Índio promove uma série de eventos sobre os Mbyá-Guarani do Rio de Janeiro

O Museu do Índio, órgão de difusão cultural da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, apresenta, neste segundo semestre, atividades dedicadas ao grupo indígena Mbyá Guarani do Rio de Janeiro. São elas: a abertura de duas exposições, a inauguração da Galeria Arte Indígena e a reabertura da Loja Artíndia, após reforma em suas instala-



ções. A proposta da programação, baseada na parceria direta com os índios, é a documentação da cultura Guarani com foco na cultura material e no processo de produção de bens.

Os Guarani que vivem, hoje, nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, estão classificados em três grupos: Kaiová, Nhandéva e Mbyá. Com uma população estimada em torno de 34 mil pessoas, mantêm uma unidade lingüística e cultural, constituindo-se, assim, numa das maiores etnias indígenas do País. O idioma Guarani pertence à família Tupi-Guarani, do tronco lingüístico Tupi. Há Guaranis também em terras situadas em partes da região de Misiones na Argentina, do leste do Paraguai e norte do Uruguai. (Fonte: site do ISA / 24.03.2009).

São os Mbyá, dentre os grupos Guarani, que vêm ocupando com continuidade áreas no litoral atlântico. O motivo comum é a busca da terra sem males (*yvy marãey*), da terra perfeita (*yvyju miri*), o paraíso aonde para se chegar é preciso atravessar a "grande água". Pelas andanças em busca desse paraíso mítico, as famílias Guarani traçam a sua história, recriando e recuperando a sua tradição nos novos lugares encontrados. Ao deixarem seus locais atuais à procura de parentes em outras aldeias, vão construindo relações em diferentes lugares e

em tempos diversos durante seus deslocamentos. Por isso, os Guarani contemporâneos, em relação permanente com a sociedade envolvente, são portadores de uma experiência de vida e de sobrevivência peculiares.

Segundo Cristino Machado, Chefe de Posto local da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em Angra dos Reis (RJ), 700 índios, aproximadamente, habitam o Estado do Rio de Janeiro nos seguintes locais: Aldeia Indígena Itaxi – Terra Indígena de Parati-Mirim – Paraty, Aldeia Indígena Arandu-Mirim – Aldeamento em fase de

Identificação – bairro Mamanguá- Paraty, Aldeia Indígena Karai-Ocá – Terra Indígena Araponga – Paraty, Aldeia Indígena Rio Pequeno – Aldeamento em fase de Identificação – Paraty, Aldeia Indígena Sapukai – Terra Indígena Bracuí – Angra dos Reis e Aldeamento Itarypu – Ocupação provisória – Praia de Cambinhas – Niterói.

Olhar e movimento Guarani

A exposição fotográfica acontece no espaço Muro do Museu. São 20 fotos realizadas pelos próprios índios, em oficinas organizadas pelo Museu do Índio, sobre o que eles enxergam como momentos bonitos de suas vidas. Os Guarani vão mostrar para



a população da cidade o que eles registraram como um “fazer bonito” (*ojapo porá*) em suas aldeias do Rio de Janeiro. A mostra etnográfica com cerca de 60 peças, fotos e vídeos, no Espaço Museu das Aldeias, procura refletir sobre o movimento – o deslocamento – na experiência de vida dos Mbyá, que se liga estreitamente à produção do que eles chamam de “estar bem” (*-iko porá*) e que significa tanto estar com saúde quanto estar “alegre” (*-vy’a*). Os objetos exibidos carregam marcas da história e da resistência desse povo. A curadoria é assinada pela antropóloga Elizabeth Pissolato.

A criação da Galeria de Arte Indígena e a reforma da Loja Artíndia são iniciativas do Museu do Índio para agregar um conteúdo social e étnico às peças comercializadas pelos diferentes grupos indígenas brasileiros. Na abertura da Galeria, o destaque inicial é para o grupo

Mbyá-Guarani, contextualizando a sua arte no nicho de mercado ecológico, já que os objetos vendidos por eles no Rio de Janeiro são feitos de fibra de bambu. O bambu é uma matéria-prima sustentável, que se renova na natureza, não devastando áreas e preservando o meio ambiente. Além disso, é uma fibra biodegradável, ecologicamente correta, que não necessita de agrotóxicos ou pesticidas durante a sua plantação. O Projeto Guarani conta com o apoio da Fundação Banco do Brasil e da UNESCO.



Guaranis reciclam papel no Museu do Índio

A Oficina de Papel Artesanal Nhandé Kuaxia – uma iniciativa do Museu do Índio com apoio do Pro-Índio da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – objetiva oferecer aos Guarani do Rio de Janeiro fontes alternativas de renda que possibilitem uma melhor inserção do seu artesanato no mercado, além de preservar expressões de sua cultura tradicional. São beneficiados os 620 Guaranis que vivem em cinco aldeias dos municípios de Angra dos Reis e Parati.

A fabricação de papel artesanal é obtida a partir da reciclagem de aparas acrescidas de fibras vegetais, como a bananeira, matéria prima existente nas aldeias, utilizando o método antigo do papel feito à mão. Um grupo de seis índios iniciou o treinamento em abril de 2008. No Museu do Índio, nas aulas ministradas pelas professoras Sonia Coutinho e Ione Kassuga, eles aprendem várias técnicas como cartonagem e silk.



Caramuru 500 anos

Neste ano, comemora-se os 500 anos da chegada de Caramuru ao Brasil. No Museu do Índio, o jornalista Ancelmo Gois entrevistou, em março, Maria Cecília Pires de Albuquerque Pena, coordenadora de um movimento que celebra a data, para o programa “De Lá Pra Cá”/ TV Brasil. Diogo Álvares Correia, o Caramuru, foi o único sobrevivente de uma embarcação francesa que naufragou na Bahia, em 1509, onde passou a viver entre os nativos da tribo Tupinambá.

ARTIGO



A escrita Guarani: borboleta amarela no céu azul

José R. Bessa Freire

Coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERJ e professor do Curso de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO

“Borboleta amarela / no céu azul / infinita beleza / Não fazer mal a ninguém / infinita beleza”. Esse é um poema escrito e cantado por Avaju Poty, autor também da versão em língua guarani: *“Popo Yju / Ara Owyre / Iporã opa va´erã e´y / Ojapo vai va´era e´y mava´e ve reipe / Iporã opa va´erã e´y”.*

Esse poema abre o livro bilingüe *“O Caminho da Sabedoria” (Maino’ĩ rapê)*, destinado especialmente às escolas guarani. Subdividido em três grupos lingüísticos – Mbyá, Nhandéva e Kayová – o povo guarani vive em centenas de aldeias localizadas em cinco países: Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Brasil. No Brasil, são aproximadamente 34 mil índios, distribuídos em dez estados. No Rio de Janeiro, são mais de 700 índios, em seis aldeias.

Foram os professores indígenas das escolas dessas seis aldeias do RJ que escreveram o livro com recursos do Monumenta e apoio

do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, através do projeto “Cestaria Guarani: narrativas orais do artesanato nas aldeias do Rio de Janeiro”. Diversas narrativas foram recolhidas pela equipe do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERJ, parceria no citado projeto.

Os professores bilíngües Algemiro da Silva, Alessandro da Silva, Izaque de Souza, Nirio da Silva, Sérgio da Silva e Valdir da Silva contaram com colaboração de alguns pesquisadores indígenas como Lucas Benite, Cecílio Fernandes, Thiago da Silva e Valdeci Benites, além das artesãs Sebastiana Aquiles e Marta da Silva. Além disso, incorporaram textos de alguns colegas seus do Curso de Formação de Professores Guarani da Região Sul e Sudeste do Brasil, desenvolvido pelo MEC e as

Secretarias Estaduais de Educação do RS, PR, SC, RJ e ES.

O livro tem uma estrutura similar a de um almanaque, com dados históricos sobre o território e o mundo guarani e a situação atual: a aldeia e a rede de relações, as casas, as atividades econômicas, a alimentação, a arte guarani, a religião, as festas e as danças, a língua, as inovações tecnológicas como o

uso do computador e suas repercussões sobre a identidade. O livro foi lançado em junho de 2009 na aldeia Sapukai, com a presença dos autores e das crianças, que passaram imediatamente a manuseá-lo e a consultá-lo. Foi re-lançado na UERJ, durante a abertura da Exposição *Floresta de Livros*, que mostra mais de 230 livros indígenas de todas as partes do Brasil.



INFORMES



Exposição do MI marca lançamento de Programa de Línguas no Ministério da Justiça/BSB



O Museu do Índio/FUNAI em parceria com a Fundação Banco do Brasil e a Unesco, lançou, no dia 14 de abril, no Salão Negro do Ministério da Justiça, em Brasília, o Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas Brasileiras. A cerimônia foi marcada com a abertura da exposição “Tisakisu – tradição e novas tecnologias da memória” sobre os Kuikuro do alto Xingu (MT). O Programa prevê o fortalecimento de 20 línguas e culturas indígenas.

Projeto Memória 2009-Marechal Cândido Rondon

Museu do Índio/FUNAI e Fundação Banco do Brasil firmaram parceria em homenagem a uma das figuras mais importantes para a história do Brasil. O projeto Memória 2009-Marechal Cândido Rondon prevê a criação de peças educacionais e culturais que vão divulgar a vida e a obra do “Patrão da Comunicação” e fundador do S.P.I. – Serviço de Proteção aos Índios, que deu origem à atual FUNAI.

Cerca de mil pessoas comemoram o Dia do Índio no Museu do Índio

No último dia 19 de abril, Dia do Índio, 988 pessoas compareceram às atividades promovidas pelo Museu do Índio em Botafogo. Os Kayapó (PA) e os Fulni-ô (PE) participaram da programação.



Impresso

Nº Contrato 0509911072 DR/RJ

MUSEU DO ÍNDIO

... CORREIOS ...